

Linguagem e poder: uma análise da inserção do falar dos meninos do tráfico em diversas práticas comunicativas.

Tânia Regina Castelliano¹

RESUMO: Este artigo analisa o livro *Falcão Meninos do Tráfico* (2006), de Mv Bill e Celso Athayde, com base teórica em Beth Brait sobre a linguagem, presente no livro *Dialogismo e Construção do Sentido* (1997), e as concepções de poder em Michel Foucault, presentes em sua obra *Vigiar e Punir* (2007).

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Poder. Normas. Gênero. Diálogo.

Abstract : This article analyzes the book *Falcao Traffic Boys* (2006), by Mv Bill and Celso Athayde based on Beth Brait's theory about language, present in her book *Dialogism and the Construction of Meaning* (1997), and Michael Foucault's conceptions on power, present in his book *Discipline and Punishment* (2007).

Key-words: Language. Power. Norms. Genre. Dialogue.

Apresentação da obra

Os autores MV BILL e CELSO ATHAYDE, em sua obra **FALCÃO meninos do Tráfico** (2006), descrevem as dificuldades que fizeram parte do dia-a-dia das gravações do documentário *Falcão*, que teve início em 1998 e terminou em 2006, e trata do universo dos meninos que trabalham no tráfico de drogas em diversas partes do país. Ao mesmo tempo relatam os fatos que ficaram marcados em suas consciências, suas almas e que nesta obra compartilham com o leitor. Movidos pela busca do direito da igualdade e de oportunidades, os autores desejam contribuir para que este país, tão machucado socialmente, deixe para trás a alienação induzida pelo poder hegemônico. Ao fazerem esse triste registro e o trazerem a público, abrem uma discussão sobre segurança pública e o bem estar desta nação. Os autores ainda afirmam que o livro foi escrito para o povo da periferia: “com vocês, Falcões de diferentes cidades, para vocês, favelados que os receberam tão bem e entenderam perfeitamente o projeto” (p.), fazendo com que esse livro passasse a ser deles também.

Mas quem são esses autores, os quais se interessam por essa temática desprezada por muitos? MV BILL é o rapper mais famoso do Brasil. Possui uma importância política e ideologicamente, uma vez que narra através do rapp uma viagem devastadora

¹ Universidade Federal da Paraíba – PROLING

sobre o mundo das drogas e da marginalidade de forma original e familiar. Relata ainda seu compromisso em arregaçar as mangas e se entregar as causas populares. Nascido e criado na Cidade de Deus - onde reside até hoje. É co-produtor e co-diretor dos filmes Falcão – Meninos do Tráfico e Falcão (2006) e O Bagulho é Doido (2006). Recebeu a medalha da Unicef (2004) o título de Cidadão do Mundo pelo seu trabalho de destaque com a juventude. Foi também premiado pela Unesco como um dos rappers mais politizados dos últimos dez anos.

CELSO ATHAYDE nasceu na baixada Fluminense, mas cresceu na favela do Sapo, em Senador Câmara. Tornou-se o mais importante produtor de Hip Hop do Brasil, através do projeto Hutúz, criando festivais de cinema, Hip Hop, batalhas de MC's, DJ's, B.Boys, seminários, entre outras modalidades de cultura. É co-produtor e co-diretor dos filmes Falcão – Meninos do Tráfico e Falcão (2006) e O Bagulho é Doido (2006). É criador da primeira liga Brasileira de basquete de Rua (Libbra) e das Seletivas Estaduais de Basquete de Rua (Sebar) e também é fundador da Central Única das favelas (Cufa). Ele recebeu o prêmio Orilaxé 2006, na categoria Direitos Humanos - Na linguagem dos povos iorubás, nossos ancestrais africanos; orilaxé quer dizer: “a cabeça tem o poder de realização. (O trabalho social realizado na Cufa). Cuida ainda da agenda de grandes nomes do Hip Hop brasileiro, como Nega Gizza e MV Bill.

O livro dos autores citados permite ser analisado por muitos suportes teóricos. Porém, reuni-se, neste artigo, de modo objetivo a proposta central de cada autor, que é constituída de reflexões, permeadas por várias vozes submetidas à lei de poder do tráfico de drogas, que disponibiliza um rico material para o estudo da linguagem, texto e discurso.

Para penetrarmos na áurea do livro em estudo e melhor entendermos a análise posteriormente desenvolvida, segue a poesia **O Bagulho é Doido**, um dos textos que sintetiza com precisão a narração do autor, ao mesmo tempo em que transmite seu sentimento frente a tudo que vivenciou e em que revela a gente jovem, triste, agressiva, arrependida, feliz e apaixonada pela vida.

O Bagulho é Doido

Sem corte, liga a filmadora e desliga o holofote

Se quer me ouvir permaneça no lugar

Verdades e mentiras tenho muitas pra contar.

Doideira, fogueira, cada noite pra aquecer o escuro da madrugada que envolve o meu viver.

Não sou você. Também não sei se gostaria de ser, ficar trepado no muro se escondendo do furo.

Vai me faltar orgulho

Papo de futuro.

É nós que domina a cena, bagulho de cinema.

A feira ta montada pode vir comprar.
Eu vendo uma tragédia, cobro dos comédias
Dezesseis é a média.
Deus ta vendo, eu acredito.
Sou detrito que tira sono do doutor, seria o Jason se fosse um filme de terror.
Desembaça saia na fumaça, o bonde tá pesado e você ta achando graça.
Tipo peste: ta no sudeste, ta no nordeste, no centro oeste.
Teu pai te dá dinheiro, você vem e investe no futuro da não, compra pó na minha mão, depois me xinga na televisão.
Na seqüência vaia pra passeata levantar cartaz, chorando com as mãos sinalizando o símbolo da paz.
O bagulho é doido não tenta levar uma.
Não vem pagar pã se não for porra nenhuma.
Deus ajuda que eu fique de pé no sol e na chuva.
A pista ta uma chuva, pretendo ser feliz com rádio transmissor, e uma Glock numa Honda Bis.
Uma trago no cigarro, um gole na cerveja e sou destaque no outdoor que anuncia a revista Veja.
Se eu morrer, nasce outro que nem eu. Ou pior, ou melhor. Se eu morrer, eu vou descansar.
Ah, sonhar... Nessa vida não dá pra sonhar não. Amanhã eu não sei nem se eu vou ta aí.
Veja a ironia, que contradição. O rico me odeia e financia minha munição.
Quem faz faculdade, trabalha no escritório, me olha como se eu fosse um rato de laboratório.
Vem de Cherokee, vem de Kawasaki, deslumbrado com a favela como se tivesse um parque de diversões.
Se junta com os vilões. Se sente por instante Aly Cuzão e os quarenta ladrões.
Se os homens chegassem e nós dois rodasse, somente o dinheiro ia fazer com que eu não assinasse.
Pra você tá tranqüilo, nem preocupa. Sabe que vai recair sobre minha culpa.
Me levam pra cadeia, me transformam em detento.
Você vai pra uma clínica tomar medicamento.
Imaginem vocês se eu fizesse as leis, o jogo era invertido você que era o bandido.
Seria o viciado, aliciador de menor, meu sonho se desfaz igual o vento leva o pó.
Big Brother da vida de ilusão, nós se ama, se odeia, se precisar mandamos pro paredão.
Com bala na agulha.
Cada um na sua.
O meu dinheiro vem da rua, um bom soldado nunca “recua.”
A droga que você usa é batizada com sangue.
É mais financiamento, mais armas, bang-bang.
Corre igual a um porco para não ficar sós.
Fica todo arrepiado quando ouve alguém falar que é nós.
Tem que roubar, tem que meter as caras na pista
Já vou ficar no lucro se passar de 18.
Depois que escurece o bagulho é doido.
O mesmo dinheiro que salva também mata
Jovem com ódio na cara.
Terror que fica na esquina esperando você chegar.
Se passar de 18.
Depois que escurece o bagulho é doido.
O mesmo dinheiro que salva também mata.
Jovem com ódio na cara.
Terror que fica na esquina esperando você.
Aos 47 você vem falar demais, tem um maluco que falava disso há quinze anos atrás.
Bola do mundo me deixou na mira dos policiais.
Sou notícia sem ibope na maior parte dos jornais.
Quem sou eu, eu não sei.
Já morri, já matei, várias vezes eu rodei.
Tive chances, escapei e o que vem eu não sei, talvez ninguém saiba.
Eu penso no amanhã e sinto muita raiva.
Relaxa
Vou tentar levar uma.
Se não vou ter que dar baixa.
É o certo pelo certo, o errado não se encaixa.
Não usa faixa, idade certa, cidade alerta, o alvo certo, a isca predileta.
Tipo o atleta correndo pela esquina.
Assusta o senhor mais impressiona a mina.

Se liga, foi legal.
Meu território é demarcado eu não atravesso a rua principal.
Bacana sem moral, liga pro jornal e fala mal, viu uma foto do filhinho na página principal.
Não como vítima, como marginal. Fornecia pros playboys e vendia para a Fal.
Mesmo assim eu continuo sendo o foco da história.
Momentos de lazer eu carrego na memória.
Se a chapa esquentar.
Os fogos não estourar.
Depois que amenizar alguém vem pra me cobrar.
Você sabe o que isso representa, seu vício é que me mata, seu vício me sustenta.
Antes de abrir a boca pra falar demais não me esqueça: meu mundo você é quem faz.
Eu sei pô, que o final vai ser esse. Ou morto ou preso.
Já vou ficar no lucro se passar de 18.
Depois que escurecer o bagulho é doido.
O mesmo dinheiro que salva também mata jovem com ódio na cara.
Terror que fica na esquina esperando você chegar.
Se passar de 18.
Depois que escurece o bagulho é doido.
O mesmo dinheiro que salva também mata
Jovem com ódio na cara.
Terror que fica na esquina esperando você.
Se passar de 18.
O bagulho é doido.
Criança? Eu não.
Já me acho menor boladão com a mente criminosa.
O Barato é louco e a adrenalina é pura
Às vezes dá vontade de se matar
Às vezes dá vontade de sumir
Às vezes eu fico se perguntando por causa de que eu entrei na boca
A realidade da vida é que o bagulho é doido
A realidade da favela é que o bagulho é doido.

Introdução

“Uma geração, a minha, também desperdiçou alguns sujeitos. Não eram poetas, mas eram vozes e pensamentos”.

(J.C.Milner, *Les Noms indistincts*. Seuil, 1983)

No esboço da introdução deste estudo, a narrativa da poesia de Bill, enquanto gênero textual, na letra do Rapp O Bagulho é Doido, vem carregada do sentimento de uma pessoa, representando uma juventude triste, agressiva, revoltada, arrependida, marginalizada, feliz, apaixonada pela vida, em que ele (sujeito) é produto do meio. Expressa, ainda, a tessitura de vozes que, por vezes, revelam harmonicamente uma escrita excludente, mas que agrada aos ouvidos dos apreciadores do Hip Hop. A multiplicidade de vozes, em nosso mundo, permite observar um discurso de autoridade e poder na comunicação dos meninos envolvidos no tráfico de drogas.

É comum se ouvirem, nos noticiários televisivos, os diálogos entre traficantes, os quais são repletos de códigos, fato que aguça a curiosidade das pessoas que estão fora dessa “tribo”. Procurando entender esse discurso, analiso o livro *Falcão Meninos do Tráfico* (2006), de Mv Bill e Celso Athayde, objetivando mostrar como o gênero diálogo foi construído pelas facções, tornando-se um verdadeiro “idioma” de linguagem

e poder do tráfico de drogas. Um dos objetivos deste artigo é apontar a conquista ideológica da fala dos meninos do tráfico de drogas, que vem ganhando espaço geográfico em todo o território nacional. A linguagem, com seus signos, é uma das armas poderosas, cujo sentido do diálogo e a significação das palavras dependem da relação entre essas crianças dentro e fora da comunidade, ou seja, como se constroem na produção e na interpretação dos textos. Como fundamento teórico, serão utilizadas as propostas de Beth Brait sobre a linguagem, presentes no livro *Dialogismo e Construção do Sentido* (1997), e as concepções de poder de Michel Foucault, presentes em sua obra *Vigiar e Punir* (2007), de forma a referenciar os pressupostos teóricos que norteiam a análise da obra em análise.

Outro objetivo deste artigo é revelar que o discurso das crianças do tráfico de drogas foge da tradição retórica, está presente na fala cotidiana, é regido por regras e normas que definem o gênero diálogo na comunicação do tráfico e as formas de produção e o sentido da significação apresentam, para os estudos lingüísticos, diversas possibilidades de enfoque no discurso do tráfico. A análise visa, ainda, investigar além da “linguagem e do poder” o campo dos enunciados para se entenderem os aspectos sócio-históricos dos diálogos sócio-discursivos de certos sentidos em nossa cultura. Em relação a esse aspecto, Bakhtin/Volochinov (1929, p. 124 – **grifos meus**) asseveram:

As relações sociais evoluem em função das infra-estruturas, depois a comunicação e a interação verbal evoluem no quadro das relações sociais, as formas dos **atos da fala** evoluem em consequência da interação verbal, e o processo de evolução reflete-se, enfim, na mudança das formas da língua.

Pode-se observar que, na obra dos autores acima citados, um destaque relevante é dado ao gênero diálogo, através da entonação de ordem e poder, nos atos de fala das crianças entrevistadas, conforme será transcrito no decorrer do trabalho.

2. O Brasil e suas vozes

Vivemos em um mundo em que se falam diversas vozes. Segundo Álvaro José de Souza (2001), o mapa lingüístico do mundo é uma mentira, na medida em que exclui da representação e da informação pessoas, grupos, nações. Tendo em vista esse pensamento, questiona-se essa forma de linguagem na comunicação do tráfico. Uma comunidade que se expressa com seus códigos, que mais parecem dialetos.

Vejamos alguns exemplos retirados do livro em estudo, que comprovam bem essa assertiva. **Caô** – palhaçada, mentira; **dar um dois** – fumar maconha; **dar um papo** ou **dar teu papo** – conversar, resolver algo; **baculejo** – revista agressiva da polícia; **arrego** – corrupção: ato da polícia de receber o acordo das bocas para não atrapalhar seu funcionamento; **amigo** – da mesma facção; **alemão** – inimigo etc. (2006, p.249): Os autores afirmam que:

Esses jovens têm **sua própria linguagem**, têm **suas próprias leis**. Se realmente quer entendê-los, terá que fazer um esforço, tanto para compreender suas expressões gramaticais, quanto suas atitudes, e, para isso, cada um de nós tem que se despir de ódio que nutrimos e de todo medo que desenvolvemos a partir dele. Temos que renunciar ao que nos foi ensinado sobre o Bem e sobre o Mal. Este provavelmente é o bilhete mais seguro para viajar na boléia desta compreensão, mais próxima de uma realidade que muitas vezes até a própria favela desconhece. (2006, p.10, **grifos meus**)

Os autores afirmam que os jovens têm suas próprias leis, que serão ressaltadas no item 5, e sua própria linguagem, sendo possível reafirmar que esses códigos de linguagem estão presentes em um reflexo social dessa comunidade onde as palavras (códigos) não são neutras, elas têm seu sentido atrelado à estrutura própria do tráfico de drogas. Reafirmando tal posicionamento, concordo com o que escreve Bakhtin (1997, p.150):

as palavras sozinhas não têm expressão, elas só adquirem sentido num contexto, as palavras vão carregadas pelos sentidos já produzidos por outro locutor, que por sua vez também não é o primeiro a tomar a palavra num mundo mudo.

O diálogo de Celso Athayde (2006, p.130), numa das noites em que ele entrevistava “Os fiel” - uma das crianças que fazem favores para a boca – revela que novos sentidos são dados às palavras, conforme expressa parte do diálogo abaixo:

- Celso: O que é com e sem lucro?
- Menor: Lucro é porque você vai ganhar a mais, você vai vender seis **carga** de pó e uma de maconha, seis **carga**, cada uma é um lucro de um **galo**.
- Celso: O que é **carga**?
- Menor: É aquele saquinho que a gente vende cocaína.
- Celso: ... Você usa?
- Menor: Cocaína? Só fumo “**veneno**”. É maconha com pó.

Qual seria o verdadeiro significado das palavras **carga** e **galo**? E da palavra **veneno**? As relações dialógicas acima acolhem esses vocábulos, buscando um sentido e correspondem a uma linguagem própria de pessoas socialmente pertencentes a uma

organização – a do tráfico de drogas. As palavras – **veneno, carga, galo** – linguisticamente são as mesmas usadas em outros enunciados. Porém, quando utilizadas no diálogo anteriormente citado, elas ganham novos sentidos, rompendo outros possíveis. Isso corrobora com o pensamento de Bahktin (2006, p.184, **grifos meus**), para quem

As Relações dialógicas são possíveis não só entre enunciados completos (relativamente completos); uma abordagem dialógica é possível em relação a qualquer parte significativa de um enunciado, mesmo em relação a uma só palavra, **caso aquela palavra seja percebida não como uma outra palavra impessoal da língua, mas como um signo da posição semântica de um outro alguém**, como o representante do enunciado de outra pessoa, isto é, se ouvirmos nela a voz de outro alguém. Assim, relações dialógicas podem permear o interior do enunciado, mesmo o interior de uma só palavra, desde que nela duas vozes colidam dialógicamente (microdiálogo, a que nos referimos anteriormente). Por outro lado, relações dialógicas são também possíveis entre estilos de língua, **dialetos sociais**, e assim por diante, desde que eles sejam percebidos como posições semânticas, como cosmovisões de linguagem de um certo tipo, isto é, como algo não mais estritamente posto no interior da investigação lingüística. Finalmente, relações dialógicas são também possíveis em relação a seu próprio enunciado como um todo, em relação a suas partes separadas e em relação a uma só palavra em seu interior, se nós de algum modo nos afastamos deles, falamos com uma ressalva interior, se nós os observamos a uma certa distancia, como se estabelecêssemos limites à nossa própria autoria, ou a dividíssemos em duas.

O quadro comparativo² logo abaixo mostra expressões empregadas no diálogo do tráfico e seus possíveis significados.

EXPRESSÕES DO TRÁFICO

SIGNIFICADOS DAS EXPRESSÕES

Dar um dois	Fumar maconha
Dar um papo, dar teu papo	Conversar, resolver algo
Dormir no bagulho	Dormir no Trabalho
Gerente de pista	Gerente da boca de maconha, cocaína e crack
Ir de ralo	Ser morto, matar
Já é	Está tudo certo, podemos ir agora, ok
Papo de band	Conversa de bandido, com gírias específicas
Ta à pampa, ficar a pampa	Estar tudo bem com a pessoa

Os exemplos citados não correspondem à totalidade do corpus, mas são suficientes para demonstrar que as formas de produção e de sentido têm, portanto, para

² BILL, Mv; ATHAYDE, Celso. **Meninos do Tráfico. Rio de Janeiro**: Objetiva, 2006. p.249-250.

os estudos lingüísticos, diversas possibilidades de enfoque no discurso secreto do tráfico, configurando-se um campo rico para o estudo da língua em funcionamento, mostrando que ela não é estática, mas viva, e que, a todo momento, modifica-se para atender às necessidades de comunicação dos interlocutores.

3 – O discurso do tráfico – ideologia e poder das palavras

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais, em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo aquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as frases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais.

(BAKHTIN, 1997:41)

“Falcão”, “171”, “157”, “Facção” são palavras comuns muito ouvidas atualmente na sociedade brasileira, que revelam em seu campo semântico um mundo de violência. São códigos lingüísticos que, em sua forma qualitativa e quantitativa, marcam os diálogos do indivíduo dentro das relações de poder do tráfico em seu discurso. O homem constrói e reconstrói seu discurso para expressar desejos, idéias, ordens etc. Os significados das palavras não são estáticos, eles evoluem para responder a um contexto social, como no texto “No Meio da Merla”, um relato de MV Bill (2006, p.88, 89), em que as palavras ganham significados para responder à questão dos códigos: **Ká** – que significa o ponto do merla; **noiados** – usuários de merla e crack.

[...] – Aí negão, você vai ver a merla! – disse o Peteca... A partir do momento em que a cabeçuda jogou a pasta no balde, o silêncio foi total [...]O Miguel filmava tudo, mas não tinha narração. Em certo momento, disseram que a merla tava vindo. Eles queriam dizer que só depois do ponto “Ka” é que podemos chamar aquilo de merla. Antes, não, antes, é só mais uma mistura química.

-Negrão! – disse o Flávio.

- Não respondi, não queria atrapalhar, podia não ser comigo.

-Bill!

-Fala Flávio!

-Bota a mão aqui! – Ele apontava o balde [...] os caras não tinham cultura, mas para arrumar algum dinheiro, neguinho e branquinho viram até cientistas... Quando tirei o dedo, parecia que tinha tomado uma anestesia, ele ficou dormente durante horas. Foi quando lembrei dos viciados fumando merla em Brasília, dizendo que não sentiam mais a

própria cara. Aquela dormência devia ser parte da onda, o cérebro dos **noiados**² devia congelar... Que isso?

Pela postura do personagem Bill - ficando em silêncio - percebe-se que ele está com medo, quiçá por estar adentrando em um território que não era dele, mas em terras de pessoas que exerciam o **poder** naquele contexto, as quais, apesar de “talvez” não terem escolaridade e que, naquele momento estavam se utilizando do seu conhecimento de mundo, que os levavam a uma perfeita produção do merla. Nesse momento, essas pessoas viram até cientistas para arrumar dinheiro. Fica evidente, no texto, pela entonação do diálogo dos personagens, que qualquer erro dela (a cabeçuda) representaria uma perda grande de dinheiro, talvez até a sua vida. Observa-se, ainda, que o discurso vem sempre carregado de autoridade e poder. Um poder que exclui, reprime, recalca, disciplina, censura, esconde, mascara e mata. Um poder que irá punir. Outro ponto observado é a disciplina da industrialização clandestina da droga – merla – em que o silêncio é total - até mesmo no olhar. Para o filósofo Foucault (2007, p.143), “O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam”.

4. Ilegalidade - o berço do crime

O trabalho na favela e nas bocas de fumo da periferia, os chamados pontos de venda, é liderado por traficantes de toga e gravata, crianças, jovens do morro. A ilegalidade do comércio das drogas tem sua regulamentação regida pelo chefe dos traficantes de cada facção que, em algum momento, é comandado de dentro da prisão. Palmo a palmo desses territórios é disputado por várias facções, sempre de forma violenta. Uma verdadeira guerrilha interna ou externa ocorre dentro de cada facção, em que morre de overdose mais gente inocente do que usuários. O poder e o crime é que compensam para eles. Um poder de corrupção e de compra de armamentos que desafia o estado e o país, como relata Celso Atayde (2006,p.122).

Houve um tempo em que os inimigos invadiam as favelas só com os comparsas. Atualmente, além de invadir e matar os rivais, trazem de suas favelas de origem centenas de famílias, expulsando as famílias locais – a idéia é se cercar de gente conhecida para ter o mesmo padrão de segurança que tinha antes. Isso faz com que o ódio entre os criminosos seja estendido aos moradores comuns. Vendo por esse lado, pior do que conviver com o crime é ter que se submeter a uma

ocupação e a uma mudança de facção. Daí os moradores acabam vestindo a camisa da facção que administra sua comunidade e se tornando parte dela... o crime tem que fazer juz a seu nome... proibir que **policiais recebam propina** e se tornem sócios em muitas ocasiões. Proibir que policiais vendam inimigos vivos de uma facção para outra quando são capturados... (**grifos meus**)

Como se observa, o direito de liberdade é violado aos moradores da favela pelas facções da delinquência do tráfico de drogas dominantes daquela área ou por invasões de outras facções que querem se apoderar dela e que se utilizam de policiais corruptos, conforme relato acima de Celso Athayde. Para Foucault (2007,p.233), “A organização de uma ilegalidade isolada e fechada na delinquência não teria sido possível sem o desenvolvimento dos controles dos policiais”.

Cada facção, com suas siglas, representa a ilegalidade, a delinquência – a organização de comércio ilícito - cuja vitrina são os trapos, “os fiéis”, os meninos do tráfico, que são o retrato da miséria, enquanto o depósito da riqueza está com os chefes **das facções** (grifos meus). As crianças que vivem no mundo da ilegalidade do tráfico de drogas morrem geralmente antes de completar a maioridade. Muitos desses garotos são absolvidos pela delinquência do crime para poderem sustentar suas famílias, conseguindo, no máximo, um salário de R\$500,00 reais por mês.

5. O código e as normas do tráfico de drogas

Um código utilizado para avisar que a polícia está chegando é da responsabilidade do fogueteiro. A explosão de fogos nas favelas não é festa, mas sinal de terror, morte, medo, armas, polícia e correria. Sinal de perigo. O tráfico de drogas tem seus olheiros e fogueteiros, que controlam o território do alto do morro com seu arsenal de armas. Para Foucault (2001), na obra *Vigiar e Punir*, escrita em 1975, “*o poder é uma teia invisível*” (Lonardoni, 2006, p. 110) e a relação do poder está presente nas facções do tráfico de drogas e é exercido. Como afirma o filósofo, “*o poder é multiplicador: eu controlo e o outro me controla.*” (idem). A sociedade cumpre o papel de bode expiatório no momento em que policiais fazem apreensão a usuários como verdadeiros criminosos, e não, aos traficantes de drogas. Uma **infração** do usuário que é levado à condenação moral da sociedade além da condenação da “lei” (Lei 11.343 do Código de Processo Penal, que entrou em vigor 08/10/2006). Mas que **lei** é essa, regida pelos chefes das facções do tráfico de drogas, que vai da tortura à

execução, que vem de cima para baixo – hierarquicamente, do chefe da facção até chegar no “fiels”- os meninos do tráfico? Nesse sentido, Foucault (2006, p.41) concebe que

A infração, segundo o direito da era clássica, além do dano que pode eventualmente produzir, além mesmo da regra que infringe, prejudica o direito que faz valer a lei: Mesmo supondo que não haja prejuízo nem injúria ao indivíduo, se foi cometida alguma coisa proibida por lei, é um delito que exige reparação, porque o direito do superior é violado e é injuriar a dignidade do seu caráter.

Mas, e quando o bode expiatório é o próprio MV BILL (2006, p.207) - o autor do livro - que comete infração? Relata Bill: “Pode ser que eu esteja enganado, pode até ser que a polícia tenha mudado. Mas imagino que, no momento em que você lê essas linhas escritas por mim, estejam, em nome dos bons costumes e da família, me processando por apologia ao crime”. Em seu relato em comemoração à festa de Natal do ano 2000, ele apresenta, na Cidade de Deus, bairro do Rio de Janeiro em que mora, o clipe Soldado do Morro para mais de vinte mil pessoas que participavam da festa do bairro, passando imagens captadas da sua viagem pelo Brasil. Um repórter da rede Globo de TV filma as imagens do clipe que estavam sendo projetadas no telão, as quais, no dia seguinte, viram manchetes por aquela emissora. A partir daquele momento, Bill se tornou o sujeito mais procurado do Brasil, pois as imagens que foram ao ar eram as das armas utilizadas pelas crianças do tráfico – “Os Falcões”. Segundo Bill (2006, p. 208), “A polícia, por sua vez, fez o seu papel. Se limitou a tentar prender o rapaz que a Globo disse que não prestava. Se não disse, induziu e insistiu durante a programação. Ali, pude ver a força da mídia, o quanto ela me sufocava. A lei não pune pela convicção, mas se guia pelo calor da mídia. Ela é quem dita as regras de quem deverá ser preso. Eu era o procurado da vez”.

A infração à lei (normas de poder regidas pelas facções) revela a força do poder do tráfico. O direito de punir e o descaso das autoridades sobre um poder de vida ou morte levam o Brasil a discutir se Bill, o bode expiatório, era bandido ou não.

6. A disciplina do tráfico

Esse processo consiste em distribuir as crianças - “Os fiel” (código, pelo qual as crianças são tratadas) - em pontos estratégicos a fim de que possam vigiar o morro. A distribuição de vigilância precede de observação ininterrupta do território dominado

pela facção à qual pertencem. São os soldados do “observatório”, das lages de concreto, onde imperam a rivalidade (entre facções, pela tomada do ponto) e a guerra (entre eles e os policiais). Essas crianças são disciplinadas, “adestradas”, como soldados prontos para matar ou morrer, a uma vigília de 24 horas ininterruptas. A vigilância hierarquizada torna-se uma engrenagem específica do poder disciplinar. O sono é uma imagem de morte, como está fora do posto é a imagem do sepulcro. Foucault (2007, p.143) afirma que

O poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo.

A disciplina do tráfico de drogas multiplica e transforma essas crianças em marginais perigosos, e o poder de disciplinar dá-se ao líder de cada facção. Assim como o soldado disciplinado é reconhecido de longe, no tráfico de drogas, reconhecem-se “os Fiel”. Em comum, eles têm que levar os sinais da disciplina, de vigor e coragem, as marcas do seu orgulho e ainda tendo o seu corpo como brasão de valentia e força.

7. Cultura, poder e a norma do tráfico – a vida imita a arte que imita a vida

Não tenho pretensão de abordar as causas sociais, econômicas e políticas da violência urbana, uma vez que esse assunto já vem sendo abordado por outros estudiosos afins. Retomarei o que a teoria dos discursos sociais entende por discurso, envolvendo outras teorias que tratam de significados das palavras para a presente análise. Entende-se que o “dialeto” utilizado na comunicação verbal do tráfico seja resultado de uma constante disciplina, presentificada tanto no comportamento como na linguagem. Assim também no tráfico de drogas, a disciplina é sustentada pelo seu próprio mecanismo e pelo jogo ininterrupto dos olhares dos Falcões.

7.1. Diálogo - Narrativa da entrevista de Celso Athayde (2006, p.169, até 176)

Mais uma favela, mais droga, mais criança na rua de bobeira. Parei para falar com Vampetinha. [...] O papo que rola em seguida, com o Vampetinha, foi para mim a melhor explicação pra esse **cô** intelectual de “cultura da violência”. Eu sei o que é cultura. Sei, melhor ainda, o que é violência. Mas sempre me perguntei que porra é essa de “cultura da violência”? Depois que vi essa triste brincadeira dos moleques amigos do Vampetinha, deu pra sacar que as crianças ricas vão ao

teatro ver o *Sítio do Pica-Pau Amarelo* e outras paradas educativas, enquanto as crianças da favela alimentam sua sede de cultura e diversão com personagens bem diferentes daqueles criados por Monteiro Lobato.

Eles brincavam de boca de fumo, uma boca gigante.

Celso: E aí, menor, tu faz o que aqui na linha do trem?

Vampetinha: Estudo...

Celso: Sempre te vejo envolvido com os cara...

Vampetinha: Fomos criados juntos... Pô, conheço os moleque maior tempão. Eles me chamam pra entrar na boca, mas eu não curto não, meu **bagulho** é curtir mesmo, ir pra escola. Se precisar, dá pra pedir a meu pai ou a minha mãe, sempre vai cair mesmo um dinheiro pra **fortalecer**. **Bagulho** de boca, eu não gosto não. Não quero entrar na **boca** não.

Celso: Então o que mais interessa nessa porra toda, de estar envolvido com esses caras?

Vampetinha: Pô **faço favor** quando eles me pedem, sem neurose, não sou escravo deles, mas faço favor, sem neurose. Favor, não é interesse em nada. Só pra fortalecer mesmo.

Celso: E hoje, ele fez o que?

Vampetinha: Penso em ser alguém na vida, pô. Ter um emprego fixo, ter uma condição. Se minha mãe precisar, eu to lá pra botar uma coisa dentro de casa, uma comida, comprar uma roupa pra minha mãe. Lá em casa, **só quem trabalha é meu pai, tá ligado?** Minha mãe é desempregada. Minha mãe vive de nada, vive do meu pai. Meu pai banca **os bagulho lá em casa**.. Eu não ajudo por causa que eu não trabalho. Só estudo. Se eles (os amigo) quiser me fortalecer, já é. Se não quiser também, tá tranqüilo. Mas é fortalecer mesmo...

Celso: Mas quando eles fortalecem, é o quê?

Vampetinha: Fortalecem dinheiro. Só não fortalecem **bagulho** de droga. Isso eles não fortalecem não. Eles **tá ligado** na minha, no **bagulho do meu pai**. Droga, eles não fortalecem não. Só dinheiro mesmo.

Celso: Aí você faz o que com dinheiro?

Vampetinha: Às vezes, eu dou pra minha mãe, Às vezes eu fico pra mim, pra mim curtir **um bagulho**. Faço **vários bagulhos**...

Celso: O que é mineira?

Vampetinha: Uns polícia que saiu do quartel, aí virou mineira, tipo um matador de aluguel, eles vão e matam, matam pra caraca.

Celso: Em que série você está?

Vampetinha: To na quinta. [...] Diz que vai brincar de polícia e ladrão. Eu saco o recado e vou com ele pro CIEP. É a brincadeira que a gente brinca todo dia. A gente brinca dela todo dia, **tá ligado?** Vamos supor, a brincadeira tem várias armas, mas tudo de brinquedo. A gente pega eucalipto, fala que é maconha. Aí tem uns moleques que vão comprar bagulho e falam que é pó... Já entrando o personagem da brincadeira. Ele muda até **de voz pra falar** com outro moleque. **Qual foi, irmão?**

Ta correndo por causa de quê?

Celso: O que vocês brincam aqui?

Moleque da metranca: (*traga*) Boca de fumo!

O moleque segue fumando o cigarro de eucalipto como se fosse outro. Na imagem, é igualzinho, mas o cheiro é outro.

Celso: E você é polícia ou bandido?

Moleque da metranca: Bandido

Vampetinha: Gosto de brincar de pique, pique-bandeira, gosto dessa brincadeira aí, mas também incentiva a gente a ser da vida do crime. Eu já falei pra você que eu não gosto de ser da vida do crime, mas eu to brincando só pra mim relaxar a cabeça, pra mim ver como é que é, eu entrar, pra mim ver como é...

Parrudinho: Se aproxima não! Atividade na Getam.

Short azul: Se entrar, vai ficar sério o bagulho, irmão!

Short vermelho: Haxixe aí, maconha, vem!

Parrudinho: Tranqüilo! É a gente mesmo!

Short Vermelho: Bagulho é rolar um baseado mesmo pra rolar geral, **tá ligado?**

Short azul: Os cana tão foda! **Qual é a desse fogos aí?** Eles fazem uma “contabilidade da boca”, contam as mutucas, contam o dinheiro falso.

Parrudinho: Isso daqui é o envenenado... Se liga, tu fala com aquele tenente que agente vai furar ele mermo! Pega esse dinheiro e pode falar que é no meu nome. Só 3 mil. Três mil do **arrego**. Se eles quiser mais que isso, pode falar que a gente vai meter bala neles! Já é!

Moleques: esse daí que rateou! Qual foi? Qual foi?

X9: Eu encontrei vocês.

Moleque: Vamos botar fogo, cadê a corda? **Xisnovou** foi nós, vai tomar no cu!

O Parrudinho dá uma coronhada na testa do X9 com a arma de brinquedo.

X9: Não, pelo amor de Deus! Não me mata não!

Moleques: Vamo desovar ele!! Vamos gastar bala com ele não, porque ele é X9! Isso é exemplo pra quem não ta preparado pra vida do crime. Vamo mandar os moleque roubar um carro na pista pra desovar o presunto!

Eles começam a atirar com as armas falsas. Gritam e depois carregam o corpo pra fora da vala. Chutam o estomago do menino. Porra, isso deve machucar de verdade, mas o moleque “morto” nem se mexe. Os vivo resolvem posar para uma foto.

As vozes refletidas nos discursos em análise, presentes na narração do texto acima, denunciam que o discurso dessa comunidade em estudo é regido por normas que definem um gênero na comunicação do tráfico de drogas – o diálogo - propagando aos possíveis receptores ou a terceiros sua ideologia e concepção de mundo, em que uns valores são estabelecidos, e outros, rompidos. Como todos os sistemas disciplinares, o tráfico de drogas tem seu próprio mecanismo penal, cuja norma consiste em matar ou morrer. A exploração econômica que separa a força do produto do trabalho revela que a disciplina fabrica corpos submissos ao comando e ainda aumenta seu exército de soldados para a vida do crime, como expressa a narração acima.

A história geográfica e cultural do Brasil vem sendo mergulhada no “submundo” do crime, onde classes dominantes dominam classes dominadas e que nos faz repensar também na questão do **idioma**, uma vez que se rompe com a língua e o poder, levando uma comunidade a expressar seus sentimentos e idéias em “dialeto”

construído com uma finalidade: a delinquência. A conquista ideológica desse **idioma** da comunidade do tráfico de drogas vem ganhando espaço geográfico em território nacional e internacional. Uma comunicação imposta de uma classe marginalizada em que já se pode notar uma penetração em outras classes sociais. Observa-se que a linguagem é uma das armas poderosas de sobrevivência dessa comunidade, com seus signos. Um sistema arbitrário de símbolos usados para representar idéias, pensamentos que expressam a realidade em que esses sujeitos estão socialmente inseridos.

A palavra dessa comunidade tem, pois, sons com significação cultural, embora não se preocupem com a norma culta. O sentido do significado das palavras detém-se a códigos como instrumento de poder, privilégios, opressão e massacre. A língua e a linguagem são derivadas de experiências vividas por essa comunidade, que se apropria das idéias de interesse daqueles que se apoderam do comando da comunidade do tráfico. Poderíamos afirmar que a linguagem que empregam é considerada marginal, porque se afasta do modelo concebido pela sociedade, tanto no que diz respeito à norma culta quanto aos significados “estabelecidos” nos processos lingüísticos que tornam possível a compreensão, exemplificado no diálogo.

O diálogo que Celso (2006) mantém com as crianças residentes na favela e que estão direta ou indiretamente sob a disciplina das normas, da cultura – crianças da elite: Sítio do Pica-pau amarelo; crianças do tráfico: simulam a vida na “boca” - e do poder do tráfico de drogas traz para o leitor uma análise do discurso em relação à influência que tem o poder da comunicação nesse linguajar - criador de uma linguagem que lhe é própria e que estabelece um código lingüístico desafiador ao próprio Estado. Uma linguagem em que se respeitam os conceitos “favelas”, “periferia”, “pobreza”, “riqueza”.

8. Considerações finais

Considerando todos os aspectos abordados nesse percurso analítico, espero que este trabalho possa contribuir para que o aluno-leitor e o professor-leitor de graduação e pós-graduação possam refletir sobre a obra estudada, em que se constata uma atividade sócio-econômica do tráfico de drogas presente no cotidiano dos sujeitos da pesquisa, e que essa reflexão nos conduza a uma mudança em relação ao outro e ao mundo, conscientizando a sociedade sobre o perigo que as drogas representam, razão pela qual ainda se faz necessária uma política escolar para resgatar os que ainda sobreviverem ao genocídio do tráfico.

Diante do exposto, entendemos que o código (dialeto) empregado no tráfico de drogas nos permite observar esse dinamismo da linguagem, rico, no que concerne ao campo semântico, embora marginalizado. O assunto, porém, não se extingue aqui. Assim, tendo em vista que os discursos são constituídos com base no contexto social e histórico de seus interlocutores, com o peso conceitual e ideológico de quem os produz, ressalto que este artigo aponta apenas alguns aspectos que merecem ser aprofundados, porquanto o tema investigado constitui um campo muito rico para o estudo da linguagem.

Na história nada surge agora, sempre vai haver um passado. Sempre haverá uma luta entre forças absolutas como o Bem e o Mal; entre a cidade e seu pesadelo da criminalidade do asfalto, que estimula uma relação entre o mito e a história recente, o antes e o depois, o “eles” e o “nós”.

Penso que, se um dia, eu pedi para nascer (?) (!), não me deram o direito de escolher meus pais, minha cor, minha raça, minha religião, pobreza ou riqueza. Portanto me dêem somente a chance de ter dignidade!

Referências Bibliográficas

- ATHAYDE, Celso e MV Bill. **Falcão – Meninos do tráfico**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2006.
- BRAIT, Beth. Bakhtin, **Dialogismos e Construção do Sentido**. São Paulo: Editora Unicamp, 1997.
- COURTINE, Jean-Jacques, **Metamorfoses do Discurso Político: Derivas da Vida Pública**. São Paulo: Editora Claraluz, 2006.
- DANTON, Posted By Gian; CARLO Ivan. **Idéias de Jeca-tatu**: Pequeno dicionário das Expressões paraoaras. Disponível: <http://ivancarlo.blogspot.com/2006/12/pequeno-dicionario-das-expresses.html>. Acesso em: 30 mai.2007.
- DIALETO LOCAL. Disponível em: <http://o-capão.com.br/dialeto.asp?letra=x>. Acesso em: 30 mai. 2007.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo Bakhtin**. Curitiba: Editora Criar, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.
- PÊCHEUX, **O Discurso: estrutura e acontecimento**. Trad. Eni P. Orlandi, 2 ed., Campinas: Pontes, 1997.
- NAVARRO, Pedro (org). **Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos**. Editora Claraluz, 2006.
- SOUZA, Álvaro José. **Geografia Lingüística Dominação e Liberdade**, São Paulo: Contexto, 2001